

O Potiguar

Ano III

Nº 20

Agosto/Setembro 2000

Distribuição Gratuita



Murcius Bob 2000



CRÍTICAS

Natal, 10/08/2000

Caríssimo

João Gothardo Emerenciano

Tenho acompanhado o vosso trabalho como editor e vos quero parabenizar-lhe pela dedicação a nossa memória cultural, num parâmetro genial para a pesquisa e ao mesmo tempo instigador do surgimento de novos valores. Evidenciando-se a sua preocupação não somente com a memória retrouvée, mas abrindo espaço a memória da Modernidade e mesmo da Contra-Cultura. Excelente depoimento do genial **Maurílio Eugênio Neto** sobre a geração hippie (em Natal), acho de fundamental importância a continuidade da publicação dos capítulos do precioso volume escrito por este poeta, signo vivo desta geração, bem como o acesso aos jovens desta geração pós-hippie, neste contexto atual. Quando organizei o volume **Geração Alternativa**, não incluí o Maurílio, falha minha, pois este é um dos mais importantes representantes da Contra-Cultura Papa-Jerimum

Um abraço fraterno

J. Medeiros

Recife, 14 de agosto de 2000.

Caro João Gothardo.

Desnecessário até, de minha parte, tecer elogios ao “O Potiguar”, já que me torno suspeito justamente por ter sido contemplado com dois trabalhos poéticos – “Potiguarina” e “Poeta no Coco” – veiculados com destaque, inclusive, estampando fotografias de referências históricas bastantes elogiadas.

Para completar a “trilogia”, caso haja interesse de sua parte, segue o “Poema Canibal”, também de minha autoria, cujo contexto, suponho, atenda ao estilo ou linha editorial de “O Potiguar”.

Peço ao companheiro que, se possível, remeta para meu endereço os futuros exemplares, bem como, se houver disponível, o número anterior no qual foi publicado o poema “Potiguarina”.

Um grande abraço a todos.

Graco Medeiros (“Legião”)

EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D.Emerenciano	-J. M. Vieira
Editor	Capa
-Moura Neto	-Marcelus Bob
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D.Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

VEREADOR

AQUINO NETO

VONTADE DO POVO 45.610

O REPORTE DO POVO

A tocha da navegação

Em 1615, chegava preso ao Rio de Janeiro o piloto de uma nau holandesa, capturado em Angra dos Reis, por suspeita de estar cortando pau-brasil. Tratava-se de **DIERICK RUITERS**, que retornaria ao Brasil, por duas vezes. Em 1623, Ruiters publicou o seu livro "Toortse der Zee-Vaert" (A Tocha da Navegação), no qual descreve, inclusive, a navegação ao longo da costa brasileira.

Ultimamente, temos observado tentativas de "transferir" o Monte Pascoal e o Porto Seguro, topônimos baianos vinculados ao período do Descobrimento do Brasil, para o território norte-riograndense...

O texto do livro de Ruiters, no que diz respeito ao Brasil, foi publicado na REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, vol. 269, Outubro-Dezembro 1965. Através da leitura da matéria, pode-se verificar que o Monte Pascoal e

o Porto Seguro sempre foram localizados na latitude próxima aos 17 graus Sul, conforme já verificara o mestre João Faras, cosmógrafo



da armada de Pedro Álvares Cabral, em 27 de abril de 1500. Segue-se a descrição de Ruiters:

"PARA ENTRAR NO PORTO SEGURO DE MARÇO A SETEMBRO – Quem nessa época chega ao Porto Seguro,

deve abordar a costa a 16°-30' e não singrar mais ao sul, por causa dos Abrolhos. A 16°-30', precisamente, vê-se uma montanha alta em terra firme, que os portugueses chamam de Monte Pascoal e, ao aproximar-se vindo do mar, é preciso sondar repetidas vezes, porque ela é suja.

Mantenha-se pelo menos a duas léguas de distância e siga ao longo da costa para o norte até que o Monte Pascoal lhe fique a S/O/S/, podendo, então, continuar até um vale verde que se prolonga para o sul em praia chã. A cinco léguas ao norte deste vale, fica o Porto Seguro. Para demandar o mesmo, leiam-se as indicações de como navegar ao longo da **Costa do Brasil**, onde vêm descritos todos os lugares e a maneira de neles entrar e como deles sair".

O roteiro acima coincide com o percurso percorrido, em 1500, pela armada portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral...

Olavo de Medeiros Filho



HIPÓCRATES
REDE DE ENSINO

EDUCAÇÃO INFANTIL
(PRÉ-ESCOLAR)
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
(1º E 2º GRAUS)
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
(SUPLETIVO)
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR
"A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

NATAL

- **UNIDADE CENTRO**
R. Jundiaí, 421 – Centro
Fone: (0**84)221-4488 • 222-4367
- **UNIDADE ZONA SUL**
Alameda das Mansões, S/N – Candelária
Fone: (0**84)206-7729 • 206-8069
- **UNIDADE PONTA NEGRA**
R. Profa. Dirce Coutinho, S/N – Capim Macio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do Restaurante Tábua de Carne
Fone: (0**84)642-1490 • 642-3152
- **UNIDADE ZONA NORTE**
R. Dr. João Medeiros, 1292 – Panatis I
Fone: (0**84)214-2947 • 214-7332

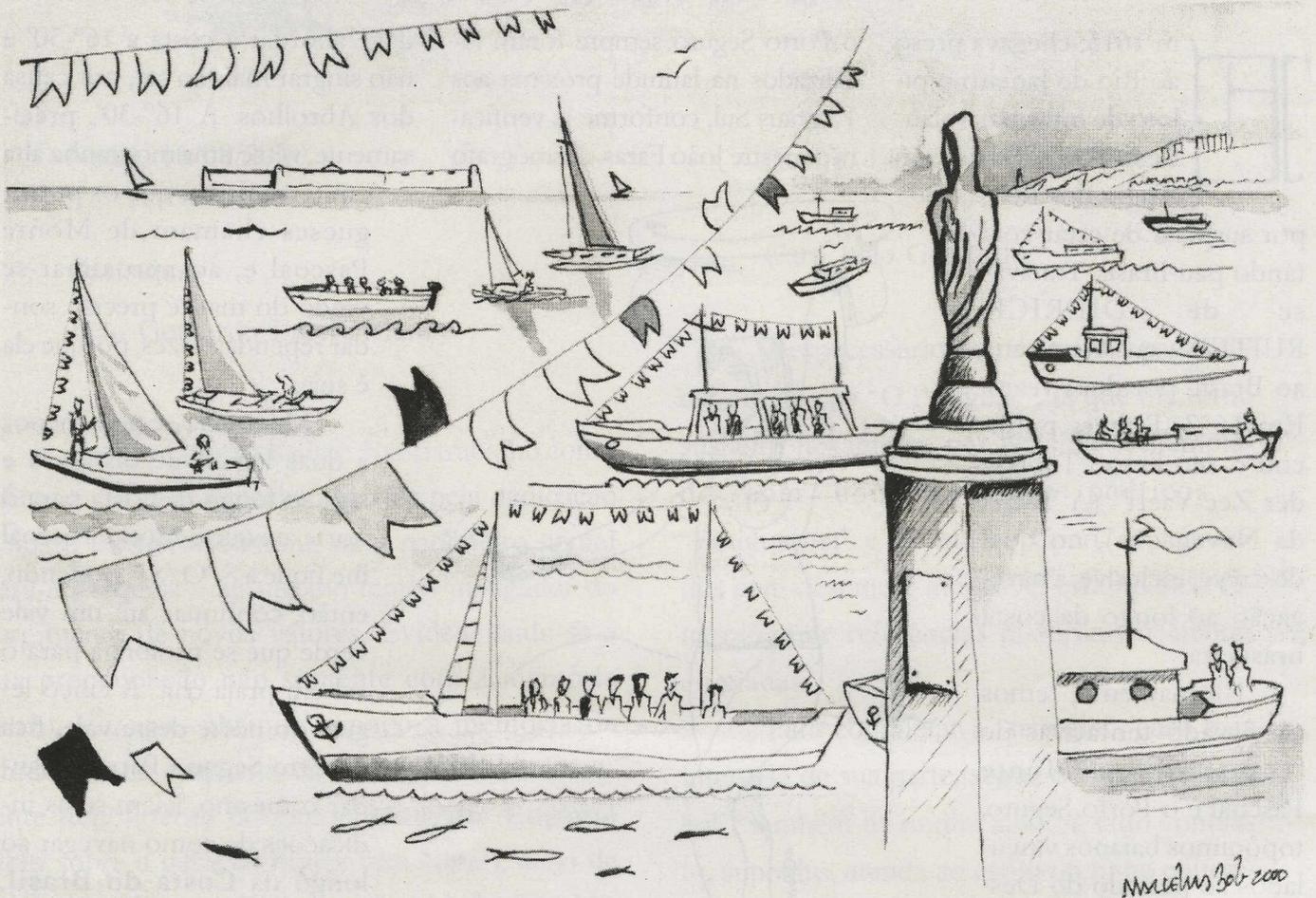
JOÃO PESSOA

- **UNIDADE EPITÁCIO**
Av. Epitácio Pessoa, 3955 – Miramar
Fone: (0**83)247-2294
- **UNIDADE BESSA**
R. José Ferreira Ramos, S/N – Bessa
Fone: (0**83)246-1811
- **UNIDADE JARDIM LUNA**
R. Casimiro de Abreu, 60 – Jardim Luna
Fone: (0**83)244-2519

CAMPINA GRANDE

- **UNIDADE CAMPINA GRANDE**
Pça. Antônio Pessoa, 111-A – Centro
Fone: (0**83)322-7951 • 322-2041

Odomiô, minha mãe, santa dos navegantes



Senhora dos Navegantes e de quem dela se acerque pedindo proteção, do topo da igreja de pedras escuras talvez trazidas dos arrecifes do outro lado do rio, da praia de Santa Rita ou Jenipabu, vizinhas, deita seus olhos sobre o mar: recomenda ao Senhor a dádiva dos peixes para os que se aventuraram na imensidão das águas, rogando retorno feliz.

Zelosa, também estende proteção aos que ficam, e todos, agradecidos diante de sua imensa bondade, fazem denego, aprontando a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no último domingo de janeiro, sobre águas corredouras do Potengi e solo da paciente Redinha, a assim se chamar pelas extensas redes-de-pesca dependuradas e a fazer voltas, labirintos, para a secagem, limpeza e reparos da malha, em varas bifurcadas fincadas em meio ao areal branquinho que recebe, não se recordam os anos, manso, o vento que renova o chão que é quase pó, da ponta do céu azul, claro, de poucas nuvens, onde se misturam águas doces, de pra lá dos igapós, aos sargaços desaguados do mar Atlântico, imenso e verde, quase sereno.

O rio, Grande por nominação de conquistadores lusitanos, mercenários de El-Rey, tomado de barcos decorados em bandeirolas coloridas por todos os lados, comemora. O velho mercado, nativo da vila originária de antigos pescadores, também, no seu cheiro de dendê e cachaça, ginga tostando no óleo da caçarola, à frente dos fiéis, fogão já não mais à lenha, parece templo, quase silêncio.

Em derredor do Redinha Clube, herança de primitivos veranistas, armam-se barracas para a venda de comidas e bebidas – grude de Extremoz, tapioca, fubá embutida em barquinhos feitos artesanalmente em palitos de palha, linhas e papel-seda de cores vivas, vermelho, amarelo, azul; quentão na ordem do dia, quando a caipirinha, a de dois dedos (mindinho e indicador), a cerveja, falam mais alto e ajudam o canto e os acordes do violão. Em operação, carrossel, rodagigante, balanços de barcos pesados, estandes de tiro, jogos-de-argola, e até altofalante, a oferecer músicas às bem-amadas. Desejo.

No palanque montado de véspera, em frente à capelinha branca, oratório de pescadores, de poucos bancos, humil-

de como eles, será encenado o boi-de-reis, uma chegada, guiça um fandango, participantes excitados, gajeiros encantado pela presença e beleza das pastorinhas – cordões azuis, encarnados, espíritos de velha etnia. Tradição.

O povo fará procissão. O padre, em paramentos cuidados, dirá missa e, feito batista, sacramentará os pagãos; moças casaduras ganharão aliança em vestes bem brancas; novenas anteciparão maior proteção.

- Viva Nossa Senhora dos navegantes!

- Viva !

As Imagens são duas, que importa, se a festa é única como a crença do povo?

- Odomiô !

Apinhado de fervor à espera das bênçãos que vêm do rio, o trapiche que serve ao embarque e desembarque da Santa, o mesmo usado pelos que fazem a travessia fluvial, hoje no *Albacora Azul* – pintado de verde e branco – estará pleno, e os rojões espoucarão à passagem da boa mãe poderosa, tranqüila e terna, eterna na memória católica de seus fiéis.

- Vai um alfinim, moço? Cuscuz ao leite-de-coco?

A praia, da ponta do cemitério dos ingleses – hoje ancoradouro da balsa do Pipes – ao quebra-mar do farol da barra, estará toda tomada por uma multidão de devotos. Bugres, a circular, trazendo gente bonita, bronzeada ao sol do passeio pelas dunas móveis da Redinha Nova, fazem a alegria dos turistas. Os donos de bar, os balaieiros de pitombas, serigoelas, cajus, mangas e cajás, os meninos do picolé, o sorveteiro Clóvis, festejarão lucros, e das ruas da vila junto ao prefeito e indefectíveis pedintes de voto, sorridentes e prometedores, virá a procissão de terra trazendo a Santa dos mesmos milagres, mais humilde, não menos gentil, saída da capelinha branca e erguida, ninguém sabe quando, na mais elevada duna, acompanhada de cantorias e rezas entoadas ao ranger de terços de velhas senhoras, muitas, filhas de finados caçadores-de-caranguejo dos mangues seculares da lamacenta Gamboa do Jaguaribe, para onde, neste dia, não se dirigirão *Os Cão*, aguardo de terça-gorda de carnaval.

Tudo será alegria e o encontro das Imagens é a fé renovada a cada fim do mês do caju.

Alegria tanta que se desdobra em novidades, fazendo o insistente *Baiaru na Vara* antecipar a quarta-de-cinzas e de tristeza, lembrança de que o ano nosso só começa na quinta, ainda devagar, para se firmar na segunda-feira de fim de folia.

Na margem oposta, da Pedra do Rosário, local onde a Padroeira Nossa Senhora da Apresentação foi deixada por colonizadores impositores de religiosidade, ao quebra-mar do Forte, protetor da Povoação dos Reis, depois cidade Natal, contra corsários do norte e indiada em revolta, sem querer entregar-se, vi-

rar escrava, ceder o chão, na boca da barra, a gente acotovela-se, aplaudindo a passagem da Santa da igreja de Pedra, renovando súplicas por dias melhores.

Atracado ao cais do porto, o navio apita e a tripulação acena, agitando lenços ou bandeirolas que enfeitarão de gestos multicores os nautas da procissão embarcada. Os ioles descerão as rampas dos clubes da rua Chile, outrora importante a ponto de abrigar sede de governo provincial, o ex-todo-poderoso Lloyd inglês, grandes frigoríficos da indústria da pesca, famílias de tradição e labuta, e singrarão o rio soberbos como em memoráveis regatas, ao lado de lanchas modernas e velozes, algum iate porventura ancorado no clube da Limpa, *jet skis* em manobras lépidas e mergulhos radicais, velas coloridas das pranchas do *Wind surf* da paisagem mais jovem, uma ou outra quase extinta jangada de praia do litoral norte, mais distante do progresso, Maracajá, Pitanguí, Muriú, ou, quem sabe, um pacote como os que subiam a praia do Maruim sobre rolos de troncos de coqueiro, nos fins de tarde, entupidos de mistérios e de lulas, polvos, tartarugas, ciobas fresquinhas, cavalas, ariocós, galos-do-alto, xaréus, e até o pegajoso cangulo de apreendido e, dizem, milagroso caldo.

Os timoneiros estarão em festa. Os ultra-levés, como as gaivotas, pairando, seguindo a frota, também. Os pescadores contarão histórias, falarão das tormentas e cerrações, nortadas, e recordarão comemorações de outrora, ritual de anos sem conta, antecipando o 2 de fevereiro de Iemanjá, de Iara, rainhas das águas, quando, novamente, haverá festa no mar.

Uma imagem pelo rio, outra pelos becos e ruas da chamada e amada prainha, esquina à venda do cansado

Deífilo, rua do Cruzeiro, cemitério às homenagens dos póstumos, Pé-do-Gavião, calçadas profanas do povo novo, de profissões hoje diversas. Todos confundem-se à passagem das Senhoras do navegante, são todos iguais nesse momento, na fé e na festa, no aplauso aos rogos atendidos, na crença na Santíssima Unidade, dogma de bem-querer.

Como começou essa festa, não se sabe. Vem de antes da virada do século, diziam os mais idosos repuxando memórias que vinham dos pais, referências de avós, de tios que enfrentaram os mares e os ventos de antigamente, embarcações diminutas contra o tenebroso oceano e que só retornavam se guardados pelas súplicas da Boa Senhora.

A procissão de duas imagens é recente, dos tempos da construção da igreja dos veranistas, época na qual os nativos insurgiram-se contra a posição da Imagem voltada para a vila, de costas para o mar, de onde vinham as orações mais recorrentes, salgadas de perigo e medo de morte medonha, incerta, muitas vezes sem choro de corpo presente.

Atendido o apelo, a paz voltou à vida da velha vila e estância gostosa e romântica de veraneio, cativante, acolhedora, balneário a amealhar boêmios e corações mais despojados, amantes de violões que cantavam praieiras de doces e revelados amores que falavam de ventos que assobiam em telhados, assanham cabelos da morena e encrespam ondas do mar... tempos que jamais voltarão, é verdade, mas que materializam-se em sonhos no dia da festa santa.

- Saravá!

Eduardo Alexandre

Veranista desde 1957 - candidato a vereador pelo PT / Natal-RN (Nº 13.113)

Seja mais que ALUNO Seja aprendiz de CIDADÃO

Congregação Filhas do amor Divino

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Semi-Internato



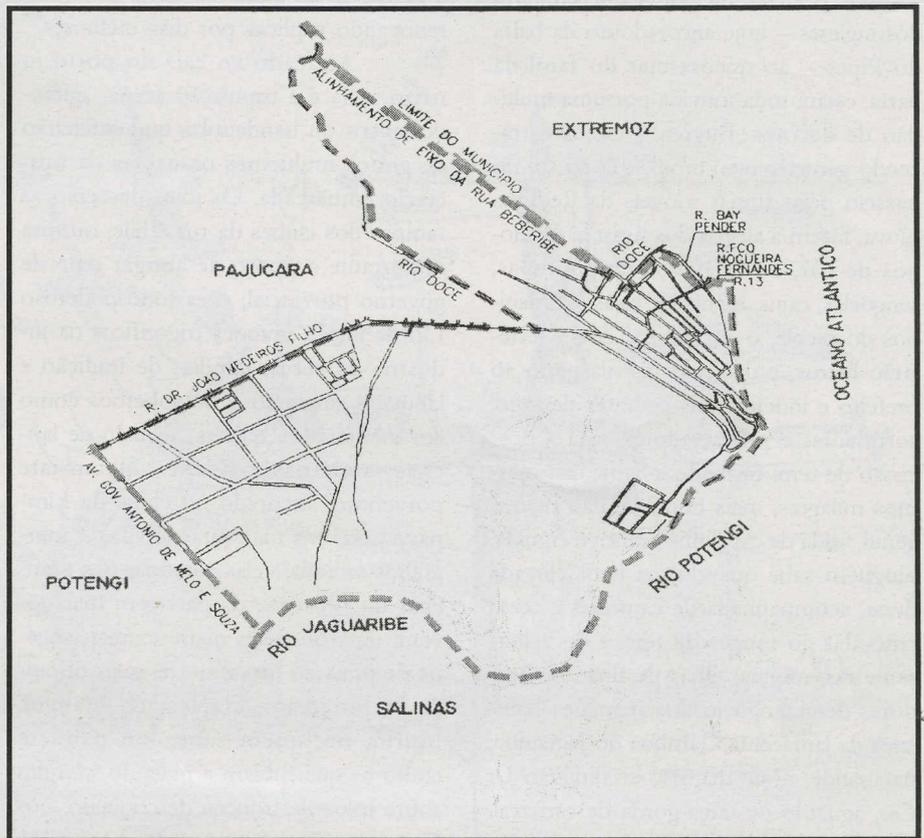
Colégio
Nossa Senhora
das Neves

Fone: 211 4566
Fax: 211 8820

Redinha

O bairro da Redinha era inicialmente uma colônia de pescadores, que durante a II Guerra Mundial serviu de acampamento para a tropa de combatentes brasileiros. Seu nome é de origem lusitana; provém do nome de uma vila em Portugal, como tantos outros da nossa cultura.

Por muitos anos foi, praticamente, a única praia de veraneio de Natal. A Praia da Redinha é cercada de lirismo por aqueles que viveram agradáveis veraneios no lugar. Um desses, Gil Soares, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico, marca o dia 22 de novembro de 1921 como a data da fundação da Redinha como praia de veraneio. Segundo ele, a praia possuía somente casas de palha, geralmente habitadas por pescadores e rendeiras. Conforme seu relato, naquela data, as cinco primeiras famílias desembarcaram no porto velho. De manhã, eles seguiam para o trabalho num pequeno bote à vela e, no final da tarde, retornavam, partindo do cais da Associação da Praticagem, no começo da atual Rua Chile. O único transporte regular entre a Redinha e a outra parte da cidade era subvencionado pelo Estado, a canoa do velho Piéca. Pela manhã a canoa levava lavadeiras para o trabalho no Rio Doce e voltava à tarde. Ainda cedo a canoa ia ao Passo da Pátria, levando populares que vendiam legumes no mercado da Cidade Alta, retornando de-



pois do meio-dia.

Em meados de 1927, o aeroplano que trazia o Coronel Vachet, francês, que veio estudar as condições de Natal para a primeira escala da linha postal aérea Paris - Buenos Aires, só conseguiu descer na Redinha. Foi o primeiro monomotor a fazer escala em Natal.

A partir da década de 70, surge a Redinha Nova, entre a ponta de Santa Rita e a Redinha.

A denominação do bairro, a exemplo de outros nomes herdados dos portugueses, Redinha é vila em Pombal, Leiria, na Beira Baixa, em

Portugal. Segundo Cascudo, o topônimo já é conhecido desde o século XVIII.

Incorporada ao território do Município de Natal, pela Lei n.º 603, de 31 de outubro de 1938, era uma estância balneária no subúrbio da Cidade.

Teve a Redinha seus limites definidos, quando da sua oficialização como bairro, pela Lei n.º 4.328, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro

João Batista 
ZIZINHO
 VEREADOR

 PT **13.777**

**Seja inteligente,
 Seja Intelecto!**

INTELECTO
 COLÉGIO E CURSO

Um investimento de qualidade

Rua Adauto Aurélio da Fonseca, 183 - Conj. Montebello
 Natal/RN - Fone: 217-9699





Canto da Ema

Tamatarana

Recordando Barra do Rio

Inerte como o bronze da estátua
Rosto molhado
Percebe na face
O sentido do vento...

Como o jaguar africano
Sente do bote
O exato momento...

Pano pando, não enrola
Enficia no pulso
Chumbada no dente

Tamatarana vem
Tamatarana sente...

Bastião parte como um cavalo
Levantando marola...
Lance feito!
Lançada a sorte...
Pescador sorrir...
No aperto da malha
A hora da morte !

Peixinho gordo
Olhinho preto

Tem pra todo mundo
Tem pra mim
É pra você...

Tamatarana frita
No óleo do dendê...

Geraldo Ribeiro Caldas

Seribéria

Seridó!...
Cocoricó!
Ao longo do solo estéril
Há pés afluentes,
Meninas de íris turquesa,
Cabeleiras algodoais.
Ecoa o canto do galo
E cala o alarido humano
Como por mágico milagre.
Mu... mu... mu...
Muge a arte no Prado,
Circumspecta, espartana.
Se ri dói...

Paulo Dumaresq

**É verdadeira campanha,
A da garrafa vazia.**

Pobre, triste, indiferente,
Esquálido, quase morto...
Um rebutalho de gente!
Era o vício o seu conforto.
Ah! nem sequer escutava
Alguém que lhe aconselhava
Com voz de virtude estranha
- Que só servir ao Senhor
- Fonte sublime de amor,
É verdadeira campanha.

Sofrendo, um dia, intranquilo
Entra num templo. E procura
Poder encontrar asilo
À sombra da nave escura.
De Cristo, fitando a imagem.
Sente voltar a coragem
Que o vício roubara um dia...
Até que à mesa deixara
Lembrança que já olvidara:
A da garrafa vazia.

João Emerenciano (filho)



SEJA CONTEMPORÂNEO É MELHOR PRÁ VOCÊ.

206 - 3930

206 - 0046



-UNBEC-

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211- 5505 - Fax:(084)212-1216-
[@natal-marista.com.br](http://www.natal-marista.com.br-natep)

O “MOVIMENTO” HIPPIE EM NATAL

II PARTE

Nossa cultura, depois da Segunda Guerra, cresceu à sombra da bomba atômica. Durante os anos da guerra fria, o seu aperfeiçoamento foi a principal preocupação das grandes potências, através de repetidos testes nucleares. Nos anos 60 quando Nikita Kruschev, *Premier* da extinta União Soviética, finalmente, anunciou uma superbomba de cem megatons, o processo pareceu ter chegado a seu termo. Pela primeira vez na História, o Homem se tornou capaz de eliminar, não um ou vários de seus semelhantes, mas toda a humanidade e de destruir a vida da espécie sobre o planeta. Isso confrontou a consciência humana com uma possibilidade radical que lhe fora, até então, desconhecida.

Na Inglaterra, principalmente, o protesto contra a Bomba e a campanha pelo desarmamento nuclear ocupavam seus jovens artistas e intelectuais durante os angustiantes anos que precederam ao surgimento dos Beatles. É desta época que data a criação do símbolo da paz, usado ao longo de duas décadas, ativamente, pelos *hipsters* de todo o mundo.

Eu precisava deste preâmbulo para me comportar dentro da História no espaço e no tempo geográfico da minha cidade e assim poder falar da onda *hippie* em Natal. Para me recompor, ainda no tempo e no espaço, ao ano de 1966, quando ouvi pela primeira vez o termo Beatnik, através de Francisco Everaldo ‘Everart’ de Araújo Moreira, um amigo que eu conhecia desde o ano de 58, quando estudamos, crianças ainda, em um Instituto que existiu na Rua Professor Zuza, na Cidade Alta. Como todos sabem, naquela época o mundo ainda não havia se tornado uma “global village” e as informações chegavam com lentidão.

Pois bem, havia alguns anos que não encontrava Everaldo mas logo que ele se aproximou, nos reconhecemos e começamos a conversar e ele me veio com a notícia de que ia ser Beatnik. “Bíte o que, cara?!” Eu perguntei entre curioso e interessado.

Esse mesmo Everaldo, foi o primeiro ‘maluco’ a “pegar a estrada”, em Natal. Era músico violonista e cantava e se mandou na estrada por esses idos: 1966/67. Com um bom tempo, parou no Rio de Janeiro e trabalhou na Rede Globo. Paralelamente tocava em conjuntos de baile e festinhas, com outros músicos. Estive em sua casa e ele me mostrou o velho álbum de fotografias. Uma trajetória digna do mitológico Old Bull Lee, personagem de W. Burroughs em *On the Road*. Aqui foi membro e fundador do primeiro conjunto musical de bailes jovem-guarda da cidade: *The Claytons*, posteriormente, *The Jetsons*. Funda e faz parte também dos *Infernaus*, este, com explícita conotação Rollingstoniana, pois até então tudo orbitava com os Beatles, que

apesar de revolucionários, no âmbito do *underground*, eram considerados bem comportados. Imaginem.

Everart foi ainda empresário de conjuntos musicais, cuja nomenclatura vem mudando com as décadas. A partir dos 80s, foram “grupos”; atualmente, “bandas”. De rock e de música pop (inclui MPB, claro).

Paralelamente, rolava o *Akatéia* ...

É, isto mesmo. O velho ‘Everart’ – assim é conhecido e registrado na Ordem dos Músicos do RN e no Sindicato de Artesãos. Daí para a frente a sua história daria um bom e rico romance. Depois de outro tempo e várias aventuras na “cidade maravilhosa”, regressa a Natal, casa-se com Olga ‘Olguinha’ Trindade e performatizam então, juntos, uma existência a qual, com certeza, pode ser perfeitamente comparada a de Jane e William Burroughs. Guardando-se as proporções sócio culturais, obviamente.

Everart era também bom baterista e compositor. Exímio interprete dos cantores Ruy Maurity e Taiguara. Depois tornou-se excelente artesão. Hobbie/curtição/profissão esta que ele cult(u)ava, até hoje, entre uns copos de vinho e bons goles de uma (melhor ainda) aguardente de cana Malhada Vermelha.

Eu sei que... em suma: eu gostaria muito de contar a sua história e sei também que ele deixou um grande exemplo de como ser sensível e corajoso, e, de cara, romper com o sistema universal materialista e do capitalismo tirano; os quais ele, com sua ultra sensibilidade e no circuito do província(c)ismo alienado/hipócrito da Natal dos anos 60 – notadamente após o golpe militar de 64 – optou como ninguém, nesta *City of the Sun*, pela rebeldia, nas águas da contracultura, as quais geraram inúmeros filhos e indo desaguar, anos mais tarde, nas várias concentrações alternativas de vida, em alguma forma de liberdade conquistada. Inconscientemente intuía o brado de Sal, personagem de Kerouac: “Nós pegamos o mundo pronto e não gostamos dele.”

Quero me referir a essa figura como o símbolo da rebeldia e da radicalidade aqui em Natal, oriundas de sua sensibilidade, que transcendeu o real. Palmas à sua rica individualidade. Mais do que ninguém Everaldo incorporou a universalidade da mensagem dos *beats* e optou por sua prática. Didático. Se existe alguém que pode contar a história, é ele. Sem dúvida.

Timothy Leary escreveu, ainda nos 60s: “O que é novo e fascinante na presente convulsão é este fato incrível: **os jovens hoje são diferentes**, eles não vão crescer como Papai e Mamãe. E isto não é uma tendência sociológica. É uma guinada do processo de evolução. O chamado choque de gerações é uma mutação na espécie.”

Para ser mais objetivo, devo, imediata-

mente, começar a falar dos primeiros hippies de Natal; todavia antes, me deixem incorporar, outra vez, no espaço e no tempo.

Quando viajei para o Rio de Janeiro após o carnaval do ano de 1968, Everart já havia partido a quase dois anos. Natal resumia-se às praias urbanas, às festas, aos cinemas e ao centro da cidade, também chamado Grande Ponto. Ao teatro, algumas vezes. Naqueles idos, algo, nesta área, com ares de “underground”, nascendo, pelas mãos de Jesiel Figueiredo, que havia ganhado um prêmio em um festival de Teatro e uma estadia em Londres. Alguns anos antes, intelectuais de Natal haviam queimado, em praça pública, livros considerados preciosidades da incipiente literatura potiguar, inclusive alguns (ou todos?) de Câmara Cascudo, considerando-os cultura ante(ultra)passada; que deveria dar lugar ao novo. *Avant garde* potiguariana.

O pessoal do poema-processo, advindos da poesia concreta, influenciou no “processo”, coadjuvando a *inteligentzia* natalense. Os socialistas e comunistas, teóricos ou ativos, imbuídos do Marxismo, que em algumas vertentes da sua ‘praxis’ tem a ver com as comunidades *hippies*, tiveram influência também no *underground*, notadamente a revolução cubana, com sua mítica de Davi *versus* Golias. O *Che*...

Ainda, no contexto, influenciou por demais o inconsciente rebelde e onde poderia aí ter sido gerada a essência do *underground* potiguar: a pequena *gang* de motociclistas da cidade, os quais faziam ponto na rua João Pessoa, exatamente onde é hoje o cine-pornô Nordeste. Ao lado do Cinema Nordeste existia uma sorveteria e nos fundos, uma boate. Ambas se chamavam Oásis.

Esses rapazes, alguns filhos de famílias tradicionais, ricas, eram mesmo esquisitos e se reuniam ali. Eram uma espécie romanesca da juventude transviada misto de James Dean e Marlon Brando. As motos eram lambretas – super populares na época – e as dos caras da *gang* eram originais, envenenadas, barulhentas e o máximo de ‘chocante’ que elas performatizavam era a temível “roleta paulista” em que quatro componentes do ‘bando’ – seriam os *hell’s angels* natalenses? – se posicionavam no cruzamento que compõem hoje a rua João Pessoa e a avenida Rio Branco; tomavam distância de uns 250 metros, e cada uma das “motos” disparavam à velocidades diferenciadas e coordenadas para entrelaçarem-se justo no entroncamento das ruas; cruzando com barulho ensurdecedor umas pelas outras sem se tocarem. Eram sublimes quando se cruzavam. Um suspense com nuances de caos se instalava no ar. O coração da cidade parava. Como que por lapsos de

segundos, uma mensagem velada de rebel- dia, com latente dose da violência predesti- nada a tornar-se *cult* no futuro, pairava no ar. Os circunstantes se mostravam atôni- tas, enquanto as motocicletas, desapareci- am, rugindo, pelas quatro ruas. Qual o *square* (burguês; pequeno-burguês), que não tre- mia na cama, quando o silêncio da noite era rasgado pelo som dos motores vocife- rando?

Haviam também os *playboys* de sapato mocassin branco e calças justas que desfi- lavam pelo Grande Ponto; porém, os “bar- ra-pesada” mesmos era o pessoal da gangue, os quais passaram a chamar-se a partir de 1964: a gangue da “curra” de Mãe Luiza. Havia, em relação a atualidade, menos as- saltantes, menos drogados, quase nenhum estropador. Os poucos que haviam, eram mesmo “gente boa.” Mas o caso “Mãe Luiza” foi rumoroso. Notícia (com fotos) em todos os jornais da cidade. O pessoal da “gang”, os lambretistas, como também eram conhecidos, foram com uma garota que era vendedora em uma das lojas do centro e a “curraram” - assim era o termo da época - próximo ao bairro de Mãe Luiza onde hoje é o início da Via Costeira. Um escândalo! A menina era namorada de um dos rapazes da ‘turma’, o qual, posterior- mente, escreveu um livro contando a hi(es)tória.

No Rio de Janeiro, no final dos anos 50, ou início dos anos 60, não estou bem preciso, aconteceu também um rumoroso caso em que a violência sexual, terminada em tragédia, tornou-se assunto nacional- mente comentado. O caso Aída Curi. Cin- co ou seis rapazes parece que violentaram uma garota em um apartamento de um edifício em Copacabana e, após currarem- na, a atiraram do vigésimo-não-sei- quantandares, lá, no calçadão. Um dos “playboys” chamado Ronaldo foi capa em todas as revistas. Usava um óculos todo original, parecido com o modelo usado pelo cantor-cego Ray Charles e uma ‘trunfa’ no cabelo, como Elvis Presley. Pois bem, este rapaz, misto de Lord e de Devil, deus e demônio, arrepiou. E os seus óculos torna- ram-se ícones da moda e vendidos em to- dos as lojas e camelôs no Brasil inteiro. O que estava acontecendo com o mundo por aquela época - deixando a pergunta no ar?

A curra de Mãe Luiza foi influenciada pelo caso Aída Curi, que foi influenciado por sua vez pela iconografia da moda ins- pirada na Juventude Transviada, que foi terrível e teve o seu encanto com sua ma- neira velada e crua de protesto, como se mostrasse, na cara da própria sociedade, as suas chagas e os seus ossos quebrados ex- postos.

Além dos jornais da época os únicos documentos vivos sobre esse emblemático acontecimento do *underground* natalense, se- riam, claro, os depoimentos dos seus reais personagens, os quais estão ainda, salvo en- gano, todos vivos e... normais!, e um livro, ou uma obra literária, digamos, que mar- cou também a época. O livro chama-se **Ge- ração dos Maus** e foi escrito, aos 17 anos de idade, por um dos integrantes da gangue.

Livro instigante, legendário e que conta toda a his(es)tória do incidente, com uma lin- guagem nua, quase telegráfica. Prefaciado e apresentado por Newton Navarro, o li- vro trata das impressões, família, conflitos e sentimentos de um jovem, na época, no contexto da cidade além de ser uma radio- grafia da sociedade e do ‘society’ natalenses, naqueles irreverentes e inovadores anos.

Como dizia, em 1968 viajei para o Rio de Janeiro, repito, após o carnaval. Já disse como era a cidade e o ponto onde a juven- tude se reunia era uma lanchonete consi- derada um marco da cidade pois foi a pri- meira lanchonete e bar nos padrões como as temos hoje. Chamava-se Ki-Show, em frente ao edifício Sisal. Essas ‘reuniões’, quase que diariamente, aos finais das tar- des, por jovens, a grande maioria filhos dos burgueses e de leve, muito veladamente, alguns misto de ‘pop’+ contra cultura jovenguardiana... foram o prenúncio do fa- moso “quem-me-quer” daquela época, pos- teriormente transferido para a “praia dos artistas”. Todos ficavam encostados nos car- ros estacionados nos dois lados da rua a apreciar o movimento e aqueles que passa- vam nos “carros do ano”; naquela época, como ainda hoje, relicários de prestígio e realização pessoais. Havia paquera, gente bonita. Natal, com o tempo e a evolução natural, passou a ter muitos “ki-shows” em vários outros locais.

No dia em que encontrei Everaldo e ele me falou dos *beatniks* foi naquele local. E quando viajei em 1968, ele já tinha ‘pe- gado a estrada’ havia quase dois anos. Pois foi justamente nesse intervalo; entre 1968 e 1972, quando regressei do Rio de Janei- ro, que Natal teve o seu perfil urbano - e humano - mais radicalmente modificado.

Nesse período de 4 anos, tive notícia apenas de mais dois natalenses, além de Everaldo, que “encaram” a estrada con- cretamente falando. O primeiro foi Fernando “Fernandão” Lima. Cantor, com- positor, poeta, bruxo, artesão. Atualmente cigano. Perito nas artes do Tarot, da Astro- logia, do I Ching, da Quiromancia e da Numerologia. Desenhista, pintor, entalhador. Fascinado pela poesia de Lord Byron, Sheller e William Blake. “To the bird, a nest; to the spider, a cobweb; to the man, friendship.” (Ao pássaro, um ninho; à ara- nha, uma teia; ao homem, a amizade.) É um dos poemas de Byron que ele recita com frequência pelas esquinas da vida. Inspirador/colaborador/compositor do *Al- catéia Maldita*, banda de rock lendária da capital potiguar...

Viajou muito tempo grande parte do Brasil, foi casado com uma paulista-judia- linda: Elvira, a “bruxinha” e terá breve- mente um livro de poesias publicado por editores natalenses, coletânea de seus poe- mas ao longo de 20 anos. Fernando e Elvira tiveram uma linda garota, Sânzia. Mora em João Pessoa. É professora, se não me en- gano.

Fernandão, O Bruxo, é uma das fi- guras humanas mais apreciadas e ‘conde- coradas’ do cenário *beat/pop* natalense. Atualmente mora no Pium, casado com

Alba, uma preta ‘manêra’, que lhe dá a maior força. Têm uma filhinha de um ano. Imaginem (de novo), o ‘maluco’ de 53 anos... é avô, e, como Don Juan Matus, person- gem de Castañeda, movimenta-se e tem o vigor (quase) de um jovem adulto de 25 anos. Continua, claro, como Neal Cassidy, “aprontando as suas.”

O outro ‘maluco’ - terminologia que os próprios Híppies adotaram para se autodenominarem, no Brasil - foi o tam- bém poeta, jornalista, escritor, teórico da prosódia *beat*, multifilósofo Osório Almeida. Atualmente, poeta ‘clochard’ ao estilo Mil- ton Siqueira revisitado. Osório é também pintor e caricaturista, além de estudioso *fill time*; leitor voraz, pesquisador. Se não pirar, será um erudito. Continua vivo e ativo, edi- tando seus livros de prosa e poesia além de um jornal-tablóide-marginal-político-cultu- ral-alternativo que ele mantém há mais de dez anos.

Pois bem, Osório, Fernando e Everaldo conviveram no Rio de Janeiro. O interes- sante era que Osório e Everaldo são am- bos sobrinhos de sacerdotes. E ambos sa- cerdotes que “largaram” a batina. Um foi o escritor, intelectual, figura por demais carismática, o conhecido Padre Zé Luiz.

O outro foi o Padre Moreira, mais ve- lho que o Zé Luiz, acredito. Esse Pe. Moreira era uma figura boníssima. Eu o conheci. Por muitos anos foi pároco da Catedral. Depois, ainda nos anos sessenta, renunciou ao sacerdócio, para casar. Fale- ceu a menos de um mês.

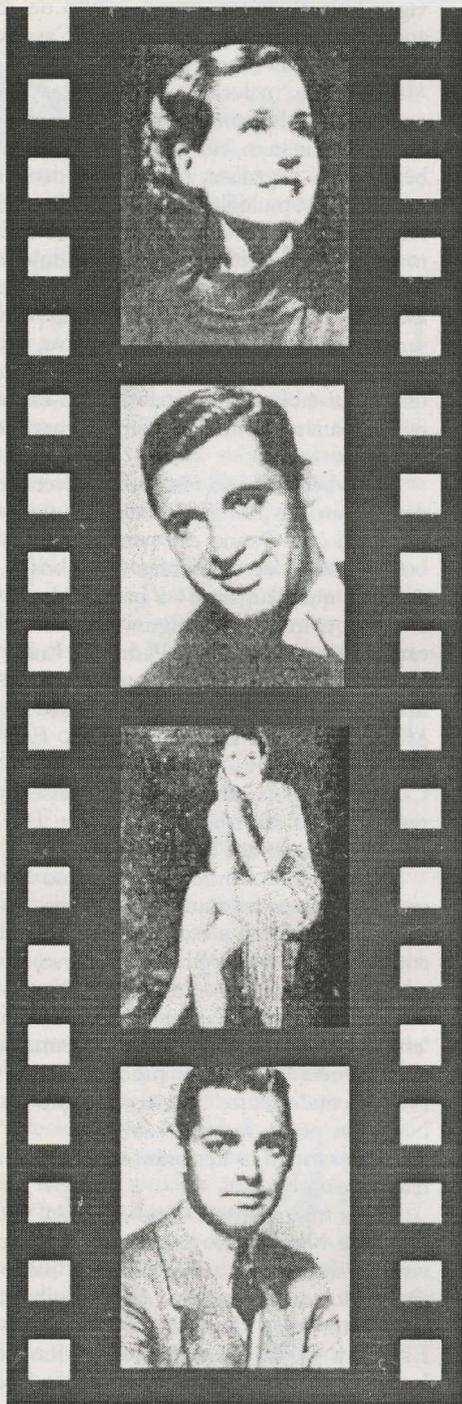
Outro que também morava no Rio por essa época foi Raul, do Alcatéia. Foi morar com um tio e batalhar a vida. Raul, embora figura mitológica no universo *beat* potiguar, jamais pegou a estrada. Hoje, é comum dizer-se: “Cantor X ou Banda Y ‘está na estrada’, há 10 anos.” Simbolicamente significando “navegar é preciso, viver...” Neste sentido existe uma constelação em Natal que pegou a estrada também.

Estes foram os três primórdios Híppies natalenses...

Dos três, apenas Osório Almeida, não partiu de Natal direto para a estrada; não vivia da arte ou do artesanato para sobre- viver; não *trampava*, mas sim, trabalhava: pasmem!, no Mercado de Capitais. Estagiava na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Viajara para encontrar seu tio José Luiz, que fundara, lá, uma espécie de re- presentação ligada a Igreja do Rio Gran- de do Norte. Osório foi para lá caçar em- prego. Depois, fascinado pela “beatlemania”, os *hippies* e demais mani- festações emergentes da contracultura, con- heceu Luís Carlos Maciel. Aí, pirou. E entre a **piração** e o **desbunde**, desbundou. Pé na estrada pra que te que- ro. Mandou tudo para o alto, aprendeu a **trampar e**: “Where my Legs Go”, como cantava um *blue* de John Mayal.

Sua passagem pela estrada foi curta, quase instantânea, mas marcante em inten- sidade.

Quando Natal viveu a febre Temple



Foi nos anos 30. Quase todos os países do Ocidente viviam o medo da guerra, da depressão econômica e da ascensão dos regimes totalitários. Foi então que os Estados Unidos, sabidos mais do que sábios, resolveram, através da indústria cinematográfica hollywoodiana, criar um símbolo de apaziguamento interior e autoconfiança. A criança Shirley Temple, não só bonita com seu ar angelical de cachinhos louros, mas também grande atriz, cantora e bailarina desde a mais tenra infância, foi o signo desta invasão adocicada aos corações das platéias mundiais. Gostavam de ver seus filmes intelectuais e homens broncos, o Presidente dos Estados Unidos e o ditador russo Stálin, crianças e adultos, grandes pecadores e religiosos de vida santa. A mensagem deles (geralmente, histórias muito sentimentais, envolvendo partes de música e dança) acabava com tristezas e pessimismo.

E nesta também entrou o público natalense. Os sin-

tomas da febre Shirley começaram em Natal a partir do domingo, 20 de outubro de 1935, quando o Cine São Pedro, ali no Alecrim (aquele onde os estudantes, se estivessem com a farda do colégio ou escola onde estudavam entravam pagando com abatimento), começou a exibir, em sessões de 15, 18 e 20;15 horas o filme "Dada em Penhor", onde ela atuava ao lado de um ator de grande fama na época, Adolphe Menjou. A partir de 15 de dezembro do mesmo ano, o mesmo cinema natalense repetiu a dose, trazendo à sua tela o filme "Agora e Sempre", onde Shirley tinha como partner nada mais nada menos que o grande ator Gary Cooper. A propaganda do Cine São Pedro no jornal "A República", dizia sobre a estória do filme: "Ele devastava o coração de mil mulheres. Mas o dele, devastou-o afinal uma mulherzinha de cinco anos. E brincando, dançando, cantando, sorrindo, a petizinha acabou reinando soberana naquele coração indomável."

E o que é verdade é que,

A GALVÃO MESQUITA TEM BOMBAS
E MOTOBOMBAS CENTRÍFUGAS
PARA TODAS AS SUAS NECESSIDADES.

DISQUE 
211.5282

SERVIÇO DE ENTREGA DA GALVÃO MESQUITA

Rua Dr. Barata, 217-/219 - Ribeira
(próximo ao Terminal Rodoviário da Ribeira)
E-mail: galmes@digi.com.br

Núcleo Cultural



**Augusto
Maranhão**

fosse qual fosse o ator ou atriz adultos com quem ela atuasse, tivessem ou não talento excepcional, o brilho maior ficava com ela. Quem é que não se encanta ainda hoje, indo às cinematecas ou alugando fitas de vídeo, vendo ela dançar e sapatear maravilhosamente, descendo uma escada com o ator negro Bill Robinson no filme "A Mascote do Regimento" ? Ou ouvindo sua voz melódica cantar sapecamente a canção "Animal Crackers in My Soup" para suas coleguinhas do orfanato no filme "A Pequena Órfã" ?

O livro "Biografias Copyright 1995", de David Thomson diz a verdade interpretativa sobre Shirley: "Shirley Temple era uma atriz extremamente técnica, inigualável pelo volume de sentimentos que ela podia passar sem perturbar a credulidade. Não era apenas uma criança, falando seu texto, dançando, brincando, e ouvindo com tamanha perspicácia, mas o quanto ela incomodava e manipulava os adultos em seus filmes, é que eles sempre pareciam desconfortáveis, como monstros trôpegos ao lado dela."

Hollywood usou de todas

as maneiras este maravilhoso instrumento de comunicação. Maquiavelicamente, pensou até nos tarados, quando fez ela, no filme "Polly" T Xis", atuar no papel de prostituta, quando ainda não tinha nem 9 anos de idade. É claro que era uma época mais liberal; não existia as Unescos para liderarem campanhas de repressão a qualquer uso de conotação sexual na imagem da criança.

E o sucesso dela parou aí, na idade infantil. Os filmes que ela fez quando chegou e ultrapassou a adolescência, se fizeram algum sucesso não foi por causa da presença dela. O mesmo livro "Biografias Copyright 1995" explica: "Havia uma perfeição de elfo nela. Quando cresceu, essa característica foi substituída por uma adolescente comum. O público ficou chocado com a perda e passou a rejeitá-la. Se ela falhou na conquista de votos suficientes para o Senado, talvez se deva ao fato de que o público sabia que ela era uma irrecuperável fada madrinha aposentada, grande demais agora para empunhar o bastão que iluminava suas palavras mágicas."

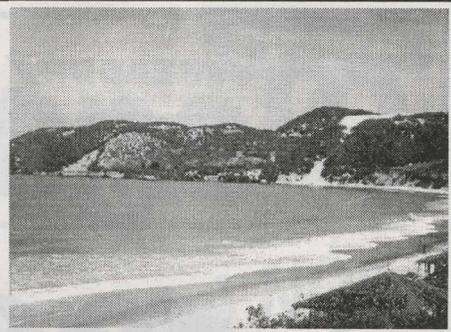
Anchieta Fernandes



iglesias

Arquitetura
Imóveis
Turismo

- PROJETOS, PAGAMENTO FACILITADO.
- IGLESIAS COMPRA, VENDE, ALUGA OU ADMINISTRA SEU IMÓVEL.
- ALUQUE SEU IMÓVEL NO VERÃO COM LUCRO E SEGURANÇA.



Rua Pedro da Fonseca, 8989 - Ponta Negra - Natal - RN - Fone: 236-3635 - Fax: 219-4000

Obs.: Casa do telhado branco em frente à torre celular.

e-mail: iglesias@eol.com.br

O Rio Grande e outros cinemas de Natal

Deixe-me certa saudade ao passar por sob a marquise do *Cine Rio Grande*, que em 1949 o senhor Otacílio Maia inaugurou, com festa e alegria por toda a cidade. E o filme inaugural, "Minha Rosa Silvestre", com Dennis Morgan, levou à nova catedral da diversão, quantidade de gente ansiosa para ver e sentir as novidades anunciadas.

Som estereofônico, cadeiras estofadas, capacidade para 1.200 pessoas, sessões contínuas, nova grade semanal de filmes, máquinas novas, empreendimento ousado para uma capital que crescia, o suficiente apenas para não se tornar fraca ante às congêneres.

E a turma do *Rex*, que estava acostumada com a Sessão das Moças, às quartas-feiras e com as matinais de domingo, onde na calçada se trocava e vendia *Gibi* e *Globo Juvenil*, começou a se dividir. Por um instante, quase que se abandonava o *Rex*. Xixico correu em socorro de sua fortaleza, e realizou remodelações na estrutura frontal e se cuidou de se importar melhores e mais filmes. E inescutíveis, como prometia.

Já dispúnhamos do *São Luiz*, inaugurado na Avenida Dois, com sucesso também notável, em 1947. A entrada do *Rio Grande* no mercado competitivo, era briga para gente grande. O *São Luiz*, no começo, atraiu gente, principalmente aos domingos, nas matinês, com filmes da Paramount, Universal, Metro e Republic. E alguns ingleses ou italianos.

Mas, o *Rio Grande* não estava para prosa. Era grande, bonito, moderno,



num ponto estratégico, no meio do burburinho do Centro, onde florescia a nova Natal, com o esvaziamento da Ribeira, que por sua vez ainda chorava o *Politeama* que, ali sim, foi desmantelado. Sucesso geral em tudo. Na mudança de hábitos, na compreensão do que ocorreria no mundo do cinema, um novo entretenimento que há muito encantava o mundo, sem desprestígio algum para o teatro.

O *Rio Grande*, em sua pose de novo xodó, viu namoros, muita festa, comemoração. Inventou, inclusive, um fútingue aos seus pés, na saída das matinês dos domingos. Os filmes terminavam geralmente entre quatro e cinco horas e como eram em sessões contínuas, toda a rapaziada saía antes das cinco, pra flertar com mocinhas vestidas com vestidos novos e boca com batom e faces com ruge. De braços umas com as outras, a se verem deusas, indo da esquina do Sobradinho

de Dr. Antonio Soares até a outra esquina, na Felipe Camarão.

O *Rio Grande* teve influência na moda em Natal, como o *Politeama*, como o *Rex* e o *São Luiz*. Como o velho *São Pedro*, que em 1934 era o melhor cinema da cidade. Mas, o *Rio Grande*, bravio, com filmes de caubói, policial e romances célebres, exclusividade da Warner, a grande detentora dos melhores filmes, aparecia para o deleite de todos.

Imbatível foi por dez, vinte anos.

Depois veio a TV. E lentamente o *Rio Grande*, ia morrendo. Até que num suspiro de luta, pariu o *Rio Verde I e o II*, novo modo de cinema, com no máximo 200 lugares. Mas, nem isso. Vai se sustentando como pode. Como Deus quer. E Moacir Maia, deve estar se perguntando como agiria Errol Flynn, num momento assim.

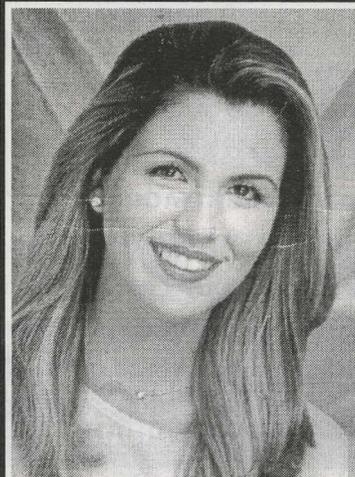
Afranio Pires Lemos

VEREADOR/
Olegário



13 613

COMITÊ VIVO: 212-2954



Fernanda Freire

VEREADORA

11.123

PRONTA PARA
O FUTURO

PPB

O Elogio de Vulpiano

Trinta e cinco anos são passados. Pelas mãos e o exemplo, pelas idéias e a firmeza de convicção de Dr. Vulpiano Cavalcanti, comecei minha difícil e limitada (por mim mesmo) vida de revolucionário e permanente aprendiz de comunista. Presenteou-me com um exemplar de *A Dialética da Natureza*, de F. Engels, e puxou o coro de saudação cantando as estrofes da “Internacional”. Enquanto existir, lembro e agradeço. Naquele instante, nascia um novo mundo e possibilidade de um novo homem.

Dr. Vulpiano Cavalcanti – camarada Vup, como o tratávamos com respeito e carinho – nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 15 de março de 1911. Tornou-se potiguar após a cassação do registro do Partido Comunista do Brasil, no governo repressivo do execrável Eurico Dutra. Veio ao RN na condição de foragido. Foi morar na cidade de Mossoró. Tangido, refugiou-se em Areia Branca e Macau. Mas foi aqui, na capital do estado, que construiu sua gesta revolucionária.

Desde jovem, nos colégios e faculdades de Medicina (BA e RJ), abraçou com determinação as causas populares. Na década de 30, fez parte da Aliança Nacional

Libertadora (ANL) e, em seguida filiou-se ao Partido Comunista – emblema rubro de sua existência de coragem e magnífica simplicidade. Outro jovem de sua marca, companheiro até a última hora,



Isnard Teixeira, ainda vivo e combatente marxista-leninista, incentivou e descobriu em Vulpiano Cavalcanti de Araújo a vocação militante.

Poucos sofreram, suportaram e derrotaram a tortura como o fez Vulpiano. Dezembro de 1952 é uma data de vergonha para o país. Ocorreu uma das muitas – e mais violenta – das prisões de Vulpiano. A Base Aérea de Natal foi palco de atos da mais extrema covardia,

de um lado, e de imensurável heroísmo de outro. Meses e meses de martírio. Resistência inquebrantável. São suas palavras, muito depois: “...Não sou velho, sou usado e maltratado; e como fui maltratado...”. Quebraram suas mãos. Dele, médico e cirurgião. Ao ser perguntado sobre a razão de sua força, disse: “tinha muita convicção da verdade que defendia”.

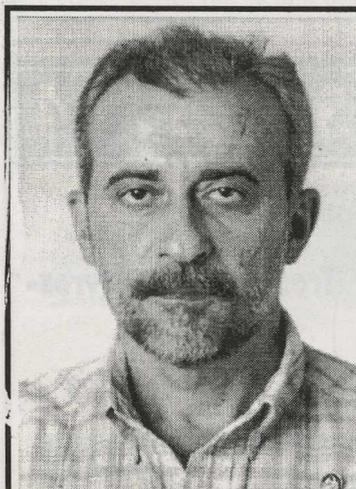
Os torturadores foram derrotados. Seu depoimento resumiu-se a uma afirmação de princípios: “sou comunista e continuo com as mesmas idéias”. Mesmo assim, antes de assiná-lo, discutiu com Luís Maranhão que, com ele, dividia toda aquela ignomínia. E com bravura similar.

Não é, portanto, de surpreender que Dom Nivaldo Monte, então Arcebispo de Natal, tomando conhecimento do seu sofrimento e da história de sua vida, tenha afirmado. “É mais cristão do que muito de nós”.

Vulpiano Cavalcanti nos deixou em 19 de novembro de 1988. Contudo, na resistência e na luta dos comunistas, sempre estará presente.

Juliano Siqueira()*

** Juliano Siqueira é vereador do PC do B/Natal e Professor do Curso de Direito da UFRN*



Vereador

PC do B

Juliano Siqueira

65.555 JUNTE-SE A NÓS!

Este trabalho tem que continuar



Bordéis de Natal

Devemos, neste curto espaço, indagar aos memorialistas da cidade do Natal onde andarão as *madames*, suas *casas-suspeitas*, suas *meninas*, seus *garçons* e *boêmios* frequentadores?

Será que a história da cidade esquecerá Rita Loura e Zefa Paula? Esta última, dona de casas na Ribeira e Lagoa Seca. Dona Belinha, no Tirol, dona Virgínia, na Ribeira e, depois, Lagoa Seca. Dona Cleide na Praia do Meio, dona Maria Emília da *Pensão Estrela* ou *Ideal*, na Ribeira. Dona Alcina, da *Royal*, em Lagoa Seca. Dona Alaíde, na Ribeira do *Wonder Bar*, desgovernado, onde, outrora, foi Casa de Governo e depois dona do *Plaza*, ainda Ribeira velha de guerra e tentação.

Francisquinha, que há alguns anos foi entrevistada por este escriba, hoje na velhice conserva ainda a vaidade e a cortesia das antigas *madames*, que recebiam os seus fregueses na qualida-

de de velhos e bons amigos.

Tia Alice, em Lagoa Seca, que morreu tragicamente, já na velhice atando fogo em seu corpo, confirmando, literalmente, que o fogo sempre fez parte da vida. Brandina, na Ribeira. Zilda, do *Acapulco*, nas Rocas. Além de outras estabelecidas que comercializavam o belo sexo, como as do *Vai se Ver*, na rua Trairi; *Rosa de Ouro*, na Ribeira. *Francesinha*, na Ribeira. Paris, na Duque de Caxias, Ribeira. *Cazarão*, com seu tradicional piso de tábuas, localizado em um primeiro andar, travessa Aureliano de Medeiros, na Ribeira. *Chão de Estrelas*, na estrada que dá acesso à Zona Norte, na velha Corrente de Igapó. *Araponga*, na Lagoa do Jacó e o *Dia e Noite*, na avenida 16, onde hoje funciona a Faculdade de Odontologia.

Ainda havia lugares para as aventuras perigosas, pelas famosas crônicas policiais da Patrulha da Cidade – Rádio Cabugi, como:

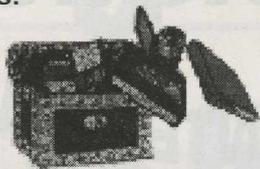
Jaqueirão e o *007*, no Bom Pastor; *Beco da Quarentena* e *Rua 15 de Novembro*, na Ribeira; *Beco do Remelexo*, nas Rocas, *Vila Moura*, no centro do bairro do Alecrim. Resistindo a tudo, ainda funcionam a plenos vapores, na rua São Pedro, as últimas guerreiras de toda essa batalha.

Recentemente, vimos fecharem suas portas: o *Arpège*, na saudosa Ribeira, onde temos boas recordações, desde o seu som da radiola de fichas; suas esforçadas mulheres e seu garçom *Pé de Pombo*. Como também a famosa *Maria Boa*, da rua Padre Pinto, local que me fez ganhar uma aposta, por ter lá entrado com 16 anos, ainda incompletos. Orgulhosamente, banhando o bigodinho do então jovem com espumas de cerveja, como quem consegue ludibriar a rigorosa segurança do Papa em Roma – foi o máximo! Lá se vão os tempos!

Gutemberg Costa

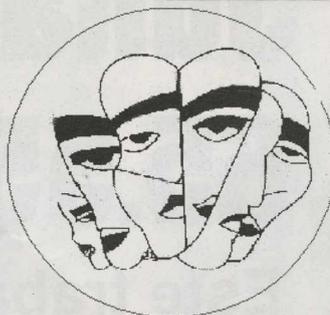
SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Sebo Espaço 104



Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas

Rua Ulisses Caldas, 94
Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551

O ESPINHEIRO



O padre Fernão Cardim, que andou pelo Brasil nos anos de 1583 a 1625, deixou um livro: "OS TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL". Nele falava das plantas e árvores encontradas nas praias e em nossos sertões. Mas, ao que me consta, ele não contou nem uma *isca* do que é a nossa flora. Falar em cada planta aqui do mato, seria necessário encher um livro para contar alguma coisa de cada uma delas.

Senão vejamos: a *jurubeba*, que é o mato mais sem futuro da roça, tem estória. Ela se apresenta todo tempo verde e cresce ligeiro que nem a besta fera.

O cavalo não come, o burro não quer e o gado passa, cheira e arrelia. Somente as raposas comem as suas frutinhas, para depois impestar os cercados com as sementes. Tem a *ervança*... Ah, a *ervança*! que mete medo quando está florada. É a maior miséria para o cavalo ou outro animal que tem algum sinal branco no corpo, pois "transmite" a sarna para os bichos. O *espinheiro*, que é um pau cheio de espinhos, não é perdido de todo. Sua brasa é muito quente e cozinha o feijão branco na panela do pobre. A *sucupira*, que é um pau muito bom, pois dá cocão, dá mourão... "A *sucupira* dá cacete na cabeça do ladrão! "E o *juazeiro*? Este sim. É um pé des-

graçado que só aguarda malassombro. É um troço que está abandonado. Quem passar embaixo de um *juazeiro*, se benza pelo amor de Deus! Um troço que vem dos infernos, um catimbó que se faz, que não existe, jogam embaixo do *juazeiro*, para quem passar, ele laçar... Tem a *amorosa*, que também é conhecida como *unba-de-gato*. Se o freguês bater nela, se corta. Quem ainda não conhece a "cabeça de véio". É aquela que na praça chamam *chachana*. É um mato interessante: cada pé, tem em suas raízes um formigueiro de formiga preta. Isto, porque a raiz dela é doce que nem mel. E o *miolo de nêgo*? Quando flora, bota uma flor amarela. O gado não come e o cavalo também. Quem quer é o tal do jumento, mais aí, pega a murchar as orelhas e fica todo se mordendo.

É uma coisa feia... O *velame*, existe de duas qualidades: o de cheiro, que tem um leite que queima que nem a *molesta*. Já o *miudinho*, serve para quem sofre de sinusite. Ele é chupado pelo nariz. "Pra tomar uma tabaqueira".

São umas moitinhas bem pequenas e arrepiadas. O trabalhador faz o cigarro, acende e chupa pelo nariz... Tem a *camirana*, que batendo na pessoa é tanto calombo pelo corpo que parece "variosa".

E o *mororó*? Aquela que dá um pau forte, que nem toda foice ou machado corta.

Aqui na roça sempre se diz: "Quem não puder usar um xuxo de ferro, use o *mororó*, pois há de chegar o tempo que a besta fera vai andar no mundo. Quando ela chegar perto, catuca com xuxo de *mororó*..."

Newton Lins Bahia

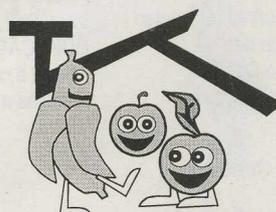
CASA DO PEIXE LTDA



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

POEMA CANIBAL

Natal não consagra
nem desconsagra ninguém,
dizia mestre Cascudo
as ouças não sei de quem.

Fulano veio de fora
(que boca maledicente)
à casa de Areia Preta
com Mário de Andrade ausente.

Valei-me Preto Limão
e Fabião das Queimadas,
cadê o chalé suíço
no alto da balaustrada ?

Lembram do velho SCBEU,
Casa do Maine, o escambau...
Mossoró não deu moleza,
Lampião entrou no pau.

Foi na época da guerra,
depois daquele beijo,
me abri pra todo mundo,
até hoje dou ensejo.

Acossada na esquina
entre o mar e o grande rio,
me mudei pro outro lado
sem direito a dar um pio.

O jeito é botar na roda,
misturar na betoneira,
fui moça de patronato
mas me perdi na Ribeira.

Bela Londres nordestina,
entre tantos apelidos...
já fui noiva americana,
comi mais de cem maridos!

Graco Medeiros

Praia dos Artistas - 1972

Aprenda o melhor da música na UnP!

. CURSOS OFERECIDOS

Canto/Teclado/Violão Clássico/Violão Popular/
Cavaquinho/Bateria/Piano Popular/
Guitarra/Baixo Elétrico*/Flauta Doce*/
Flauta Transversal*/ Matérias Teóricas

. INÍCIO: 25/09/2000

. VALOR: 2 parcelas de R\$ 20,00

. DURAÇÃO: 3 meses

Aberto à comunidade em geral e
crianças a partir dos 10 anos

. PARCERIAS:

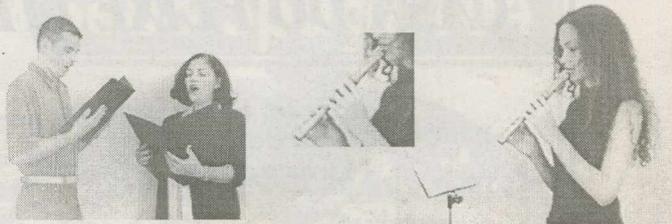
Escola de Música do Colégio Objetivo

Oficina Livre de Música

Escola de Música Santa Cecília

*possuir o instrumento ou adquirir com orientação do professor.

Informações e inscrições



Realização

Ordem dos Músicos
do Brasil CR/RN

UP UNIVERSIDADE
POTIGUAR